



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

MARIA LIDIANE DOS SANTOS MOTA

**COISA DE MACHO: AS MASCULINIDADES REVERBERADAS ENTRE JOVENS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE
CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

MARIA LIDIANE DOS SANTOS MOTA

COISA DE MACHO: AS MASCULINIDADES REVERBERADAS ENTRE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Sociologia, Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Diversidade, Juventudes, Gênero e Masculinidades.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Belens de Melo

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M917c Mota, Maria Lidiane dos Santos.
Coisa de macho [manuscrito] : as masculinidades reverberadas entre jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública na cidade de Campina Grande - PB / Maria Lidiane dos Santos Mota. - 2022.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Belens de Melo , Departamento de Filosofia e Ciências Sociais - CEDUC."

1. Práticas sociais. 2. Masculinidade. 3. Juventude. 4. Escola. I. Título

21. ed. CDD 301

MARIA LIDIANE DOS SANTOS MOTA

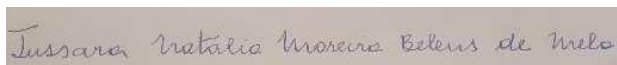
COISA DE MACHO: AS MASCULINIDADES REVERBERADAS ENTRE JOVENS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE
CAMPINA GRANDE – PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Sociologia, Departamento de
Ciências Sociais, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do título
de Licenciatura em Sociologia.

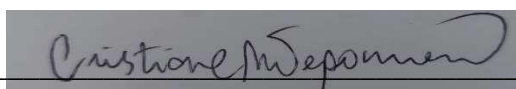
Área de concentração: Diversidade, Juventudes,
Gênero e Masculinidades.

Aprovada em: 05/12/2022.

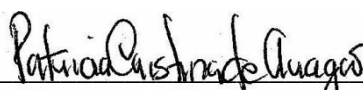
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Belens de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.^a Patricia Cristina de Aragão (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha mãe, Salete, pelo constante incentivo à minha educação. Assim como a todas as mulheres que lutaram para que hoje todas nós tenhamos o direito de estudar. *In memoriam* às minhas avós, *Marias*, como eu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REFLEXÕES TEÓRICAS	10
2.1 A masculinidade problematizada sociologicamente: tornando-se masculinidades	10
2.2 Um debate sociológico sobre juventudes	16
2.3 As práticas sociais e as estruturas sociais na visão de Anthony Giddens.....	18
3 AS PRÁTICAS DE MASCULINIDADES VIVENCIADAS COTIDIANAMENTE POR JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	20
4 METODOLOGIA.....	24
5 PARA CONCLUIR A DISCUSSÃO, ALGUMAS REFLEXÕES	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS SEMI-ESTRUTURADAS	30
ANEXO- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	31

COISA DE MACHO: AS MASCULINIDADES REVERBERADAS ENTRE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

MALE THING: REVERBERATED MASCULINITIES AMONG YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS AT A PUBLIC SCHOOL IN THE CITY OF CAMPINA GRANDE -PB

Maria Lidiane dos Santos Mota¹

RESUMO

As práticas de masculinidades estão presentes no nosso dia a dia e são reproduzidas por vários atores sociais e em vários espaços. Dentre estes espaços podemos considerar a escola como uma das instituições mais relevantes para se observar tais práticas e seus efeitos nos grupos sociais. Considerando esta afirmação conduzimos esta pesquisa, que teve como objetivos investigar como as práticas sociais de masculinidades que se apresentam no cotidiano escolar de jovens do sexo masculino e feminino do 3º ano do ensino médio em uma escola pública em Campina Grande-PB; identificar a percepção dos jovens estudantes sobre masculinidade e investigar, por meio de pesquisa de campo, as mudanças nas práticas sociais de masculinidades entre os jovens do sexo masculino no ensino médio. Para alcançar tais objetivos fizemos uma investigação bibliográfica sobre o tema em questão à luz do conceito de masculinidade de Pierre Bourdieu (2020), Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), Mariza Corrêa (1999) e Miguel Vale de Almeida (1996). Adotamos também os conceitos de estruturas e práticas sociais de Anthony Giddens, por Carneiro (2003) e no que se refere ao conceito de juventude recorremos a Karl Mannheim (2013) e Pierre Bourdieu (2010). Recorremos à pesquisa qualitativa de cunho analítico para melhor alcançar as subjetividades dos entrevistados com uma entrevista, através de uma roda de conversa e de um questionário de perguntas abertas semiestruturadas. Para analisar os dados alcançados, fizemos uso dos teóricos já citados e da análise de conteúdo proposta por Bardin. Esse artigo trouxe sua contribuição no que diz respeito à identificação das masculinidades machistas ainda presentes na sociedade contemporânea, as quais são exteriorizadas através das práticas sociais cotidianas, e possibilita, assim, repensar as masculinidades tóxicas com o intuito de combater a violência de gênero.

Palavras-Chave: Práticas sociais. Masculinidade. Juventude. Escola.

ABSTRACT

Masculinity practices are present in our daily lives and are reproduced by various social actors and in various spaces. Among these spaces, we can consider the school as one of the most

¹ Graduanda do curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: maria.lidiane.mota@aluno.uepb.edu.br

relevant institutions to observe such practices and their effects on social groups. Considering this statement, we conducted this research, which aimed to investigate how the social practices of masculinities are presented in the school routine of young males and females in the 3rd year of high school in a public school in Campina Grande - PB; identify the perception of young students about masculinity and to investigate, through field research, the changes in the social practices of masculinities among young males in high school. To achieve these objectives, we carried out a bibliographical investigation on the subject in question in the light of the concept of masculinity by Pierre Bourdieu (2020), Robert W. Connell and James W. Messerschmidt (2013), Mariza Corrêa (1999) and Miguel Vale de Almeida (1996). We also adopted the concepts of structures and social practices by Anthony Giddens, by Carneiro (2003) and, regarding the concept of youth, we resorted to Karl Mannheim (2013) and Pierre Bourdieu (2010). We resorted to qualitative research of an analytical nature to better reach the subjectivities of the interviewees with an interview, through a conversation wheel and a questionnaire with semi-structured open questions. To analyze the data obtained, we made use of the already mentioned theorists and the content analysis proposed by Bardin. This article brought its contribution with regard to the identification of macho masculinities still present in contemporary society, which are externalized through everyday social practices, and thus makes it possible to rethink toxic masculinities in order to combat gender violence.

Keywords: Social practices. Masculinities. Youths. School.

1- INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental moderna é complexa e diversa, sendo o resultado de processos históricos e relações antagônicas entre os indivíduos. Algumas dessas tensões estão ligadas às questões de poder e dominação entre o masculino e o feminino. Manifestando características de uma estrutura patriarcal, é assim que essa sociedade se organiza, definindo o lugar social do homem (masculino) e o lugar da mulher (feminino).

Essa ordem vem sendo mantida por várias instituições sociais, que trabalham a favor para a sua manutenção, como por exemplo: a organização familiar que põe o homem como personagem principal (o chefe da família), a instituição “trabalho” que o nomeia como patrão, a religião que tem seus dogmas presos a uma moralidade patriarcal inferiorizando o feminino e a escola que em sua estrutura reproduz a relação homem-mulher, reforçada na literatura, correntes filosóficas, médicas, jurídicas e pedagógicas que não correspondem ao tempo presente, mas se fazem presentes nas práticas cotidianas, sendo reproduzidas de forma inconsciente por homens e mulheres se apresentando de diferentes formas.

Em meados de 2018 e no decorrer do ano de 2019, participei de um projeto de primeiras experiências com a docência (Residência Pedagógica), experiência essa que me proporcionou contato com a sala de aula e com o “mundo” dos/as alunos/as. Durante esse período presenciei distintas práticas de masculinidade entre as/os alunos/as do ensino médio, fator esse que me causou inquietação.

Tendo em vista que sou uma futura professora de Sociologia, me veio a curiosidade de investigar os resquícios da estrutura patriarcal que ainda se fazem presentes no cotidiano escolar de jovens alunas/os do 3º ano de ensino médio. Diante disso, elaboramos a seguinte problematização: Quais são as práticas sociais de masculinidades que se apresentam no cotidiano escolar de jovens estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública em Campina Grande – PB?

Para responder a essa problemática nos norteamos pelos seguintes objetivos: investigar as práticas sociais de masculinidades entre jovens estudantes do ensino médio numa escola pública em Campina Grande-PB; verificar, por meio da pesquisa bibliográfica, no campo das ciências sociais o conceito de masculinidade; identificar, por meio de entrevista com jovens alunos/as do ensino médio, as masculinidades aprendidas na família e, por fim, investigar, através de entrevistas com jovens alunos/as do ensino médio, as práticas sociais de masculinidades vivenciadas no cotidiano escolar.

Faz-se necessário compreender a construção social da masculinidade e como ela subjetiva os indivíduos dos sexos masculino e feminino a agir e a pensar de acordo com a estrutura, ou seja, apresentar cada vez mais características do padrão social imposto que define o que é ser homem e como um homem deve se comportar, apresentando cada vez mais virilidade, força e insensibilidade para demonstrar emoções e sentimentos. Por sua vez, orienta como mulheres devem se comportar, pensar exteriorizando características de delicadeza, cuidado e sensibilidade. Essas diretrizes determinadas pela estrutura patriarcal são reproduzidas pelos indivíduos, sendo manifestadas através das suas práticas cotidianas, no nosso caso, elas se fazem presentes nas práticas sociais de masculinidade.

Para a realização desta pesquisa que se configura em estudo de caso simples, foi realizada uma investigação bibliográfica sobre o tema em questão, à luz do conceito de masculinidade para Pierre Bourdieu (2020), Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), Mariza Corrêa (1999) e Miguel Vale de Almeida (1996) e, para compreender o conceito de estruturas sociais, fizemos uso dos estudos de Anthony Giddens. Já para compreender o conceito de juventude recorreremos às reflexões de Karl Mannheim (2013) e Bourdieu (2010). Para o contato direto com os entrevistados fizemos uso da pesquisa qualitativa de cunho analítico para, assim, alcançar as subjetividades. Recorreremos a esses

teóricos e suas produções textuais na ânsia de responder ao problema apresentado anteriormente.

A escola em que esses jovens estudam está localizada em um bairro no centro da cidade de Campina Grande - PB, sendo frequentada por alunas/os que residem em vários bairros da própria cidade e de cidades vizinhas. Suas características socioeconômicas são: renda financeira em torno de dois salários mínimos e moradia em casas alugadas ou de parentes, com eletricidade e saneamento básico, ou seja, são estudantes de classe popular. Percebemos uma heterogeneidade nos aspectos de grupos e culturas internas e externas, pois a escola é um ponto de encontro de alunas/os de várias comunidades que trazem consigo características de seu convívio do cotidiano.

Foi a partir de um processo histórico, composto de tensões entre os sexos masculino e feminino que se constituiu a masculinidade. É possível afirmar que essa construção social de masculinidade dá origem a um jeito de pensar e de agir aos indivíduos, os quais o exteriorizam através dos comportamentos, e podemos identificá-los nas práticas cotidianas de alunas e alunos do ensino médio desta dada escola pública, na cidade de Campina Grande – PB.

2- REFLEXÕES TEÓRICAS

2.1- A masculinidade problematizada sociologicamente: tornando-se masculinidades

Vivemos em uma sociedade complexa, construída historicamente com uma estrutura dualista que categoriza tudo existente, desde elementos naturais a elementos culturais. Essa oposição está presente em todas as suas estruturas, se manifestando de forma consciente ou inconsciente nas relações entre os indivíduos.

Esse sentido ambivalente de perceber o mundo organiza a sociedade, classificando tudo em sistema binário de oposição como branco/preto, alto/baixo, úmido/seco, dominador/dominado e homem/mulher. Ele constrói estruturas e, a partir delas, “coisas” de cunho natural são usadas para naturalizar elementos culturais que perpetuam a ordem social estabelecida.

Neste ensaio, nos interessa primeiramente nos situar sobre a compreensão da masculinidade através do conceito de dominação masculina, formulado por Pierre Bourdieu. Como refletido pelo sociólogo na citação a seguir:

[...] o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se depois de tudo tão facilmente que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais (BOURDIEU, 2020, p.11-12).

Essa relação de dominação construída historicamente perpetuou-se por toda sociedade, favorecendo o gênero masculino e desfavorecendo o gênero feminino, passando a produzir uma realidade que dita os papéis dos gêneros e, neles, o papel que a mulher desempenha é inferior ao do homem, assim como tudo que se refere ao feminino é inferior ao masculino.

Nessa estrutura social dicotômica são permitidos e legitimados apenas dois modelos de existência, o modelo heterossexual e cisgênero. Todos os outros que fogem desse padrão ou se distanciam ou sofrem uma série de penalidades, como é o caso das pessoas LGBTQIAP+.

A divisão lógica dita a forma pela qual homens e mulheres devem viver, tomando como parâmetro o modelo androcêntrico, que impõe a dominação do masculino sob o feminino, o qual Bourdieu nomeia de dominação masculina.

Podemos chamar o resultado arbitrário dessa relação de violência simbólica: um tipo de violência que é suave, que atua de forma invisível, que passa despercebida por suas vítimas, sendo exercida puramente de forma simbólica quando determina a forma de mulheres e homens se comportarem, falarem, pensarem, agirem e até a forma de não fugir do perfil de feminilidade e masculinidade determinado pela estrutura social. De acordo com a citação abaixo:

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (necessariamente sexuais) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/em baixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora(público)/dentro(privado) etc[...] (BOURDIEU, 2020, p. 21).

Essa relação se apresenta de diversas formas na sociedade, uma delas é percebida na estrutura de linguagem (simbólica) que reafirma essa oposição dos gêneros masculino e feminino, como destacou Ferreira apud Guedes (1995 p. 5): “a espécie humana se comunica e estabelece linguagens, sejam faladas, escritas ou gestuais, constituindo-se em representações sociais”. Assim, a linguagem seria uma grande aliada na produção e reprodução desse sistema binário apontado por Bourdieu (2020).

Algumas peculiaridades estão ligadas diretamente ao significado da palavra homem: “qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que, apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano” dotado “das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual” (GUEDES, 1995, p.5). Alguns aspectos são criados e direcionados aos gêneros, como no caso do masculino, o qual lhe são designadas características rústicas, grotescas, viris, dominadoras, racionais e o fato de não poder demonstrar sentimentos (como o simples ato de chorar). Exemplificando, um bom rapaz deve ser destemido, forte e não levar desaforo pra casa. O homem ocuparia posição de superioridade, de força, ou seja, o dominador na relação.

Por sua vez, a palavra mulher recebe significados ambíguos, como descreveu Ferreira apud Guedes (1995, p.6): “o ser humano do sexo capaz de conceber e parir outros seres humanos e que se distingue do homem por essas características” e outro significado que está relacionado a formas pejorativas de tratamento (1994, p.6). “encontramos ainda as designações “mulher à toa”, “mulher de comédia”, “mulher de róluta”, “mulher de rua”[...]”.

Podemos observar uma grande carga simbólica contida no significado das palavras homem e mulher. O primeiro possui um poder simbólico relacionado à dominação, virilidade e força, e é representado por adjetivos de poder e dominação enquanto o segundo está relacionado à reprodução e ao sexo de forma depreciativa. (FERREIRA APUD GUEDES, 1995, p.6.) acrescentou ainda que “A mulher, no sentido da construção da língua, do significado social do termo que a deveria nomear, só existe meretriz ou reprodutora, não tendo função social fora dessas denominações”.

Características como delicadas, sensíveis, frágeis e dominadas são relacionadas ao feminino. A mesma estrutura reafirma o lugar da mulher e as características do ser feminino: aquela que precisa ser protegida, pois é incapaz de exercer força, necessitando de proteção e poder.

Bourdieu (2020, p. 26) afirmou que “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes”. Características biológicas diferentes entre o macho e fêmea são usadas para naturalizar, através de narrativas míticas, as violências simbólicas vivenciadas por mulheres, fortalecendo essa estrutura dicotômica segundo a qual o masculino se sobrepõe ao feminino.

Podemos comparar as duas descrições acima. Ambas são modelos de corpos socialmente sexualizados, entretanto, pode-se observar o que foi construído acerca de cada um deles e perceber as diferenças existentes na relação de poder que o masculino vai exercer, são ações ativas, daquele que está sempre atuando, produzindo, buscando, construindo, pondo em prática sua virilidade. Enquanto o feminino é um agente passivo, como se ele fosse um receptor, aquele que espera para acolher e que é incapaz de exercer uma atividade que fuja do papel feminizado como se defender, produzir, construir e etc. O autor aponta, no texto, a seguinte frase: (BOURDIEU, 2020, p.53) “como se a feminilidade fosse a arte de se fazer pequena”.

A feminilidade seria um dispositivo de inculcação nessa relação de dominação, que molda os corpos femininos e masculinos, ditando como mulheres e homens devem se comportar: andar, sentar, olhar, conversar baixo ou quando lhe é solicitado. É dito a mulheres desde meninas como devem sentar (“meninas não podem sentar com as pernas abertas”), correr ou se colocar em situações que profanem sua delicadeza e pureza.

O corpo feminino ganha, simbolicamente, o significado de passividade, e é lido como objeto sexualizado de reprodução, que está relacionado à submissão na relação de dominação, como descreveu Bourdieu, em forma de metáfora, na sua obra *A dominação masculina*, a mulher é comparada à terra, necessitando de um ator ativo que a trabalhe, explore e domine. Assim ela produzirá uma boa safra, alimentando e fazendo com que o seu dominador perpetue e sustente suas próximas gerações. Já o corpo masculino seria o agricultor, o desbravador responsável por explorar aquela terra, cultivá-la, torná-la cada vez mais apta à plantação. Ele a transforma em uma boa terra, traçando metas, limitando-a e buscando formas eficazes de manejá-la. Essa metáfora usada anteriormente pelo sociólogo francês Bourdieu (2020) relata a relação existente entre terra e agricultor, tornando possível compreender como age o poder simbólico penetrando na mente através dos corpos, se exteriorizando na forma de masculinidade e feminilidade. Masculinidade é sinônimo de movimento, virilidade, força, astúcia e fúria. A feminilidade é o sinônimo de passividade, delicadeza, sensibilidade, sutilidade, caridade e sentimentalismo.

No entanto, a obra sobre a dominação masculina de Bourdieu sofre algumas críticas, como a feita por Mariza Corrêa (1999). Para a autora, o sociólogo pecou em seu ensaio quando ele usou características da sociedade Cabila para estudar a sociedade ocidental e vice-versa, sem levar em consideração a universalidade e a temporalidade, generalizando como se toda a sociedade ocidental fosse uniforme, sem diversidade de grupos sociais (CORRÊA, 1999). Levar elementos de uma sociedade para compreender outra é etnocêntrico, pois impõe uma visão de mundo como parâmetro de análise de outrem, inserindo um pensamento ocidental capitalista no estudo sobre os Cabilas, sem destacar suas especificidades culturais. Outro aspecto apontado por Mariza é que “Bourdieu se coloca também numa perspectiva exterior a ela, isto é, na de um analista isento da lógica que analisa, não contaminado nem pela “visão masculina”, que denuncia, nem pelo “inconsciente masculino” que é, não obstante, nosso inconsciente cultural” (Corrêa, 1999 p. 45).

Percebe-se que a obra de Bourdieu está carregada do inconsciente masculino, subjetivado no autor, no entanto ele se coloca numa perspectiva exterior, como se não carregasse, subjetivado em si, traços da dominação masculina que ele problematiza.

A partir dessa crítica de Mariza aos estudos de Bourdieu, que generaliza impondo um modelo de masculinidade a toda sociedade ocidental, encontramos outras(os) autoras(es) que se debruçam sobre o tema, como é o caso de Vale de Almeida (1996). Este autor parte do princípio de que a masculinidade não é algo acessível apenas aos homens e a feminilidade apenas às mulheres, pois se assim fosse não existiriam transformações tanto na masculinidade quanto na feminilidade, e muito menos mudanças nas relações de gênero.

Existe um caráter móvel na masculinidade levando em consideração a variabilidade individual, criando tensões entre a masculinidade hegemônica e a subordinada (ALMEIDA, 1996). A partir do pensamento defendido pelo autor percebe-se que a subjetividade da masculinidade pode variar de acordo com o indivíduo, de onde ele se encontra, das suas experiências vividas ao longo de sua vida, diante de determinada situação ou nas relações com os outros homens e mulheres.

O conceito de masculinidade no singular passou a ser criticado por outros autores como aponta Connell: “para Petersen Collier e Macinnes, o conceito de masculinidade é falho porque ele essencializa o caráter dos homens ou impõe uma unidade falsa a uma realidade fluida e contraditória” (CONNELL, 2013, p. 249). Essa imposição falsa de unidade nega que a realidade, como a masculinidade seja fluida, que sofre mudança e que está em constante transformação, trazendo à tona uma leitura heteronormativa de gênero, como afirmaram Connell e Messerschmidt:

O conceito masculinidade é criticado por ter sido enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade é atribuído o fato de esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) versus gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando corpo (CONNELL, 2013, p. 250).

Assim como as demais esferas da vida social, o conceito de masculinidade está preso à dicotomia, seguindo um padrão heteronormativo, ignorando a existência da diferença presente nas categorias de gênero, como por exemplo, os homens que possuem um modelo de masculinidade que apresentam características relacionadas ao feminino, no caso de homens heterossexuais ou homossexuais. Além disso, o conceito não leva em consideração as especificidades culturais, sempre pondo em visibilidade o confronto entre sexo biológico e gênero cultural.

A partir destes questionamentos na problematização sobre as masculinidades, as ciências sociais intensificam os estudos sobre elas, passando a analisar essas masculinidades existentes, como apontou Connell:

Diríamos que as pesquisas sobre masculinidades florescem em ciências sociais e nas humanas durante os últimos 20 anos, precisamente porque o conceito subjacente empregado não é retificante ou essencialista. A noção de que o conceito de masculinidade essencializa ou homogeneiza é um tanto quanto difícil de reconciliar com a tremenda multiplicidade das construções sociais que etnógrafos e historiadores têm documentado com o auxílio desse conceito (CONNELL, 2013, p. 250).

Como se pode observar, o conceito de masculinidade não abarca a diversidade de masculinidades presentes nas sociedades, assim, afirma-se que ela não é homogênea, pois não existe uma única forma de masculinidade, tanto pelas multiplicidades culturais quanto pelo fato de que ela é mutável, vivendo em constantes processos de mudanças por ser resultado das ações humanas.

Para estudar e compreender melhor essa pluralidade, cientistas sociais, dentre eles historiadores e etnólogos, usam o conceito de masculinidades para que, assim, não caiam na dicotomia criticada e superada pelos próprios cientistas sociais.

Almeida (1996), é um antropólogo que dedica seus estudos sobre as masculinidades na contemporaneidade, apresenta em um dos seus ensaios os tipos de masculinidades: a hegemônica e as subordinadas. A primeira refere-se à masculinidade hegemônica que é um modelo cultural ideal inalcançável e na prática seria impossível exercê-la. Ele implica em um

discurso que atribui aos homens um lugar de privilégio de ascensão social. Já as subordinadas, as variações contidas na hegemônica, são alcançáveis e praticadas cotidianamente, mas variam entre mais próximas ou distantes do padrão ideal. Assim, as masculinidades vão se apresentar de diferentes formas, dependendo de onde o homem está inserido, qual sua companhia e a situação que ele está enfrentando. A masculinidade será avaliada a partir do padrão hegemônico, que vai classificar as subordinadas e a feminilidade como padrões inferiores.

A construção social da dominação masculina não é reproduzida apenas pelos indivíduos, “mas também pelas instituições que compõem as estruturas sociais como família, igreja, escola e Estado” (Bourdieu, 2020, p. 64). Essas instituições são responsáveis pela reprodução da ordem, pela construção dos corpos e pela manutenção da dominação masculina, sendo que cada uma delas desempenha um papel importantíssimo para essa estabilidade social.

Para compreender melhor, podemos usar o exemplo de uma orquestra, na qual cada instrumento possui um som específico ou semelhante, porém quando todos são tocados juntos de forma correta, emitem um som harmônico que encanta a plateia. No nosso caso, no Nordeste brasileiro, na cidade de Campina Grande- PB, as instituições podem apresentar essas mesmas características ou características semelhantes, com o mesmo objetivo de manutenção do patriarcado. Na perpetuação da dominação masculina, os homens seriam agentes que trabalham incessantemente, dando continuidade a esse modelo social e, as mulheres, como reprodutoras do sistema.

Para Bourdieu (2020, p. 69) “A força simbólica atua sobre os corpos de maneira silenciosa através das estruturas, realizando um trabalho de inculcação e de incorporação nos indivíduos”. Processo que o autor nomeia de macaco mecânico, pois age de forma profunda nos corpos, um trabalho intenso e invisível, mas que dialoga com o mundo físico, moldando os corpos para agir e pensar de determinada forma, ensinando-os a desenvolver e obedecer automaticamente papéis designados socialmente para os gêneros. Diz-nos a metáfora: “como o macaco mecânico do automóvel que com pouca energia age de forma quase mágica e é capaz de levantar grande peso”, ou seja, a ordem social atua através dessa força simbólica, gastando pouca energia, determinando a ordem do corpo e o tornando um lugar de investimento.

Os processos de dominação social agem sutilmente sobre o corpo, operando uma espécie de mágica capaz de ajustar e modelar os seus contornos. Isso pode significar que “a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado” (ALMEIDA, 1996, p. 163). Desde pequenos, os meninos são educados, estimulados, preparados sutilmente para a ideia de que “meninos não choram”, pois devem ser fortes e viris. Ao longo do tempo estes elementos simbólicos (postos em movimento através do macaco mecânico), vão se incorporando como disposições permanentes de percepção e ação e se integram de diferentes maneiras, às dimensões dos corpos (BOURDIEU, 2020).

Outro elemento que podemos destacar é que o poder simbólico faz com que os dominados contribuam para a sua própria dominação, aceitando o que lhes é imposto de forma inconsciente ou consciente (contra sua vontade) (BOURDIEU, 2020). Esse poder exerce forte controle, passando despercebido sobre os corpos dos dominados, fazendo com que os mesmos contribuam para sua própria dominação. Pois esses “limites impostos pela dominação” lhes foram inculcados como emoções corporais, paixões e sentimentos. E eles colaboram com o dominador ao criar barreiras invisíveis que lhes são impostas através de emoções como timidez, vergonha e insegurança.

Observa-se que os corpos socializados deparam-se, com barreiras criadas pelo poder simbólico, ao passo de não existirem leis que impossibilitem mulheres no desenvolvimento de

atividade com maior esforço físico como servente de obras ou homens quando desempenham atividades consideradas femininas como cuidar da casa e das crianças.

É em um emaranhado de diretrizes que são determinados e delimitados os papéis dos gêneros dentro dos espaços das instituições sociais, e entre elas algumas são mais importantes, como afirma Bourdieu (2020, p.140) “O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”. Essas três instituições são as de maior relevância para a manutenção da ordem vigente e da dominação masculina. Elas são responsáveis pelo processo de inculcação através da divisão dos papéis sexuais, pela educação, ou seja, pela moldagem dos corpos sexuados, os primeiros dispositivos de controle, censura e repreensão.

A família é a primeira e a mais forte instituição para essa ordem é a ela “[...] que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem” (BOURDIEU, 2020, p. 140). É na família que temos os primeiros contatos com o mundo social, é nela, que nos ensinam, educam, e inculcam a reproduzir a divisão sexual. Os corpos sociais são sexualizados desde o nascimento quando determinam que meninos usam azul e meninas usam rosa, meninos não choram e meninas não sentam de pernas abertas. Logo depois as meninas aprendiam os ofícios de como ser uma boa esposa e dona do lar e meninos como um bom gestor, um chefe de família.

Outro fator importante que Almeida destacou sobre as masculinidades na comunidade portuguesa estudada é a homossocialibilidade. Trata-se das relações sociais entre homens, como a admiração pela força do outro, pelo poder político ou econômico, por posses e bens, assim como pela a família (extensa) e filhos bem abastados financeiramente.

Outra característica da homossociabilidade se encontra nos “lugares masculinos” onde vários tipos de homens se encontram para conversar, trocar ideias e experiências. Um ponto de encontro de várias masculinidades, que vai abrange homens jovens e idosos, ricos e pobres, de raças e religiões diferentes. Esse seria um espaço de encontro e confraternização entre as masculinidades presentes naquela comunidade, desde o homem que se apresenta com uma masculinidade mais conservadora ao jovem que se apresenta com outros interesses e características menos viris.

Esse lugar onde se encontram vários homens seria um recorte no qual se apresentariam os marcadores das interseccionalidades presentes nas masculinidades. Segundo Crenshaw, interseccionalidade é:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

As interseccionalidades presentes nas masculinidades aqui apresentadas seriam o resultado de várias estruturas trabalhando sincronizadamente sobre os homens estudados no recorte citado acima. Embora eles possuam algumas diferenças sociais, como classe social, religião, raça e etc, ainda assim apresentam, em suas práticas, características do “ser” masculino, que foram internalizadas através de instituições sociais como escola, igreja e família. Para compreender como as masculinidades são apresentadas por jovens na contemporaneidade dedicaremos o próximo tópico aos estudos sobre juventudes de Bourdieu (1978) e Manheim (2015).

2.2- Um debate sociológico sobre as juventudes

Os processos históricos deram origem, ao longo do tempo, a categorias de indivíduos, criando elementos que são incorporados por esses indivíduos, e a partir deles surgem novos personagens/atores sociais, no nosso caso a juventude. Para compreendermos o papel do jovem nessa sociedade é necessário, antes, que entendamos que não existe apenas uma juventude ou uma forma de ser jovem. E para isso recorreremos, mais uma vez, aos estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1978), ao afirmar que a juventude vai além da faixa etária, pois para ele existem outros elementos que compõe o “ser” jovem, ou seja:

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre sexos), lembra que na divisão lógica entre jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação a qual cada um deve ser se manter em seu lugar (BOURDIEU, 1978, p.1).

Podemos observar, na fala de Bourdieu (1978), a divisão existente entre jovens e velhos, que está relacionada a questões de poder. Essa separação não se dá apenas pela idade, mas também pelo sexo, gênero e pela classe social na qual aquele indivíduo está inserido. Um elemento que surte grande efeito sobre o jovem é o meio social em que ele vive, além do seu gênero.

O autor afirma que “As relações entre idade social e idade biológica são muito complexas” (BOURDIEU, 1978, p.2), pois as duas se apresentam de maneiras distintas: a idade social pode ser explicada pelas experiências vivenciadas pelo indivíduo, de acordo com seu cotidiano e, poderíamos dizer que o amadurecimento social, diante de sua realidade, se apresenta através de responsabilidades cotidianas como, por exemplo, aquele jovem que precisa trabalhar enquanto estuda, ou aqueles que são pais/ mães/ irmãos mais velhos que necessitam cuidar de outras pessoas; já a idade biológica é atribuída aos anos cronológicos de vida daquela pessoa. O autor ainda acrescenta que a:

Idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1978, p.2) .

A idade biológica pode ser manipulada facilmente por quem tenta compreendê-la, quando lhe põe em uma única unidade, invisibilizando as diversas juventudes apresentadas socialmente como se juventude fosse apenas uma categoria.

Sabe-se que existem vários grupos de jovens, diversos interesses nestes respectivos grupos e os relacionamentos com uma faixa etária se torna arbitrário, pois as pessoas da mesma idade possuem histórias, realidades, classes sociais e interesses distintos. Mesmo quando possuem mesmo sexo ou gênero, os elementos citados anteriormente divergem.

A idade biológica não é descartada, mas ela não deve ser usada de forma isolada, para medir ou comparar as juventudes, e sim junto a outros elementos presentes, como a classe social, a cultura, a religião, os interesses, os ideais e as condições materiais de existência.

Bourdieu (1978) relatou duas juventudes diferentes, vivenciadas por jovens durante a entrevista. Uma por um jovem francês burguês que conhece todas as possibilidades de desfrutar a juventude e outra por franceses jovens operários que moram no subúrbio e frequentam escolas públicas e, em sua visão, mal conheceram a adolescência, levando em consideração as duas realidades sociais e experiências vividas por ambos.

Divergências de classes se apresentam junto às juventudes na escola. Para entender essas diferenciações, Anne-Marie Métaillé faz a seguinte pergunta ao sociólogo: “Esta espécie de continuidade que substitui uma diferença mais marcada entre as classes, não foi produzida pela transformação do sistema escolar?” (1978, p.3). Bourdieu, por sua vez, responde que:

Um dos fatores desta confusão das oposições entre as juventudes de diferentes classes sociais terem tido acesso à escola de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinha acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, “meio-criança, meio adulto”, “nem criança, nem adulto” (1978, p.3).

Um das maiores diferenças existente entre jovens burgueses e jovens operários está presente no tempo em que esses jovens permanecem na escola. Os jovens da elite aproveitam sua juventude, os privilégios de não serem “meio criança, meio adulto”, para dedicarem mais tempo ao ensino secundário. Enquanto o jovem operário abandona a escola prematuramente para trabalhar e ajudar nas despesas da família ou para sua própria manutenção. Os jovens das classes populares possuem o desejo de tornar-se adultos rápido para assim se afirmar socialmente nas relações com os colegas, em relação aos namoros.

Karl Mannheim (2015) apontou alguns elementos para compreender a problemática sociológica das juventudes, os quais se apresentam nas novas gerações. “Mannheim chama a atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER apud MANNHEIM, 2007, p. 4). Para o autor, é possível que uma geração, vivendo o mesmo período cronológico, vivencie tempos interiores diferentes, a partir das suas experiências cotidianas, como, por exemplo, as realidades de dois jovens que vivem em determinadas comunidades, ou grupos com características distintas, ou seja, possuam práticas e interesses diferentes uns dos outros.

Vejamos uma comparação: o caso de jovens, negros, lgbtqia+, moradores de comunidade periférica, estudantes de escola pública, que trabalham para ajudar na estabilidade do grupo familiar ou sua para manutenção (roupas, celular, eletrônicos, perfumes, computador). Por outro lado, teríamos um jovem branco, cisgênero, heterossexual, classe média alta, estudante de escola particular, frequentador de museus, teatros, cinemas ou que já realizou várias viagens, conhecendo novos lugares e culturas e todo esse acesso é custeado pelos pais ou familiares.

Segundo Pinder, citado por Mannheim (2015, p. 200/517): “cada uno vive de su edad y con gente de edades distintas en una plenitud de posibilidades contemporáneas. Para cada uno el mismo tiempo es un tiempo distinto; a saber; una época distinta y propia de él, que solo comparte con sus coetáneos²”. Pode-se observar a diversidade de gerações vivendo em uma mesma época, apesar de viver no mesmo tempo, porém em tempos diferentes. Assim, como pessoas de mesma idade podem possuir idades diferentes, essa diversidade marca a contemporaneidade. A partir dessas reflexões pode-se perceber que “Mannheim chama atenção para o fato de que o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas” (WELLER, 2007, p.5).

Mannheim acrescentou que, “[...] el problema generacional se transforma en el problema de la existencia de un tiempo interior no mensurable y que solo se puede comprender como algo puramente cualitativo³” (MANNHEIM apud WELLER, 2007, p.3). Os

² “cada um convive com sua idade e com pessoas de diferentes idades na plenitude das possibilidades contemporâneas. Para cada um o mesmo tempo é um tempo diferente; a saber; um tempo diferente e seu, que só partilha com os seus contemporâneos” (tradução livre).

³ “o problema geracional torna-se o problema da existência de um tempo interior que não é mensurável e que só pode ser entendido como algo puramente qualitativo” (tradução livre).

problemas das gerações se transformam em problemas existenciais por serem subjetivos, o tempo é interno. Para entender a situação geracional de uma sociedade contemporânea em constantes mudanças, o sociólogo das juventudes aponta 5 características pertencentes a cada geração:

[...] 1) A constante irrupção de novos portadores de cultura; 2) a saída constante dos antigos portadores de cultura; 3) a limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico; 4) A necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados; 5) o caráter contínuo das mudanças geracionais (WELLER, 2007, p.5).

A sociedade está sempre recebendo novos participantes, jovens iniciando a vida adulta, participando e realizando trabalhos com protagonismo e colaboração. Enquanto isso as gerações anteriores vão saindo de cena e os que antes eram novos se tornam antigos e assim sucessivamente. É importante destacar que a geração tem suas limitações (o espaço onde vai atuar dando sua contribuição), já o processo de transmissão da cultura acontece de maneira contínua: uma geração recebe cargas de heranças culturais da anterior e a transição de uma geração para outra é constante, não existe pausa; esse processo é semelhante a ondas, vem a primeira onda uma geração, em seguida outra onda e mais uma geração, e assim sucessivamente. Cada geração possui características próprias da sua temporalidade, mas herda heranças culturais da antecessora.

As/os jovens estudantes da escola pública na cidade de Campina Grande-PB são diversos e plurais. Essa compreensão de juventudes busca respeitar os diferentes marcadores sociais e os culturais que as/os diferenciam, dentre eles a estrutura familiar, a escolaridade dos pais e responsáveis, as questões socio econômicas, o gênero, a religião e o lugar de pertencimento. Sabe-se que todas essas diversidades sofrem interferências das estruturas sociais, pois elas estão sempre se mantendo e se atualizando através das práticas sociais dos indivíduos, nesse caso, de jovens estudantes.

2.3- As práticas sociais e as estruturas sociais na visão de Anthony Giddens

Para compreendermos como as práticas de masculinidades se perpetuam na sociedade, se faz necessário compreender primeiro as estruturas sociais e como elas estão relacionadas com as práticas sociais dos indivíduos em nossa sociedade.

Deste modo, recorreremos ao conceito de estruturação de Giddens apud Carneiro (2006, p.41): “As estruturas são definidas como sistemas de regras e recursos”. O autor compreende as estruturas sociais como um sistema de regras que são repercutidas na reprodução social e que se tornam perceptíveis através das práticas que externalizam apenas seus aspectos mais importantes, a saber:

A estrutura refere aos aspectos mais duradouros dos sistemas sociais e remete a um conjunto de interações e princípios organizativos que “só existem desde que haja continuidade em uma reprodução social por um tempo e um espaço”. E essa continuidade, por sua vez, só existe nas atividades reflexivamente registradas de atores situados – e através destas -, com um espectro de consequências buscadas e não buscadas (CARNEIRO, 2006, p. 41).

Para que a estrutura possa existir, é necessário que ela se fixe nas características mais duradouras dos sistemas sociais como, por exemplo, na família, na religião, na política, na cultura, na economia e etc. E, assim, sua permanência é perpetuada através das atividades dos atores que reproduzem as normas sociais.

A existência das estruturas sociais está relacionada com as atividades humanas, se

fazendo presentes em suas relações e práticas sociais. Anthony Giddens (2006) discorda de Émile Durkheim, defendendo a ideia de que os agentes sociais não são meros reprodutores das estruturas sociais, eles as produzem e reproduzem, constituindo uma relação com as estruturas uma espécie de dualidade, ou seja:

A dualidade da estrutura caracteriza-se pela coerção e facilitação da ação e também pela imposição de regras e disponibilidades de recursos, bem como pela recursividade das práticas sociais. Estes componentes da estrutura se manifestam na concreta presença de normas, poder e significados. Ou seja, o aspecto habilitador e seu reconhecimento não implicam desconhecer os efeitos constritivos, dados que o conceito de estruturas remete às regras e recursos implícitos na produção e reprodução dos sistemas sociais (CARNEIRO, 2006, p. 40-41).

Giddens (2006) não foge aos conceitos propostos pelos estruturalistas anteriores, mas busca atualizá-los para compreender melhor as estruturas sociais na modernidade contemporânea, a qual ele nomeia de modernidade tardia/modernidade-reflexiva.⁴ E assim ele tenta compreendê-la e explicá-la ressaltando a dualidade presente nas estruturas, na configuração da ação constrangimento/limitação e habilitação/possibilidade através das regras. Isso se refere à relação entre os agentes sociais e a estrutura. Isso quer dizer que a estrutura se impõe sobre os indivíduos, no entanto, os indivíduos/agentes possuem o poder de modificá-la, processo que o sociólogo chama de estruturação, vejamos:

As estruturas são integradas por meio da ação e a ação se conforma estruturalmente. A constituição da sociedade, sua produção e reprodução são criação dos atores sociais, neste sentido, se enfatiza o caráter recursivo das atividades humanas consideradas práticas sociais, situadas no espaço e no tempo. Os atores e as ações que empreendem, geram uma contínua recriação e reprodução dos contextos sociais que possibilitam suas ações (CARNEIRO, 2006 p. 42).

Como refletido na citação supracitada, as estruturas se reproduzem por meio das ações dos indivíduos, assim como os próprios indivíduos produzem a estrutura e, assim, se perpetua essa relação de circularidade entre estrutura e práticas sociais. Os atores sociais repetem, através de suas práticas, elementos da estrutura enquanto produzem e as reproduzem.

Uma das estruturas com maior poder dentro da nossa sociedade é a estrutura patriarcal, formando uma relação antagônica entre o feminino/masculino, preto/ branco, claro/escuro, alto/baixo e homem/mulher. Nessa estrutura o feminino é inferiorizado e o masculino é superestimado. O masculino remete ao poder e o feminino, à submissão:

Mesmo reconhecendo a existência de constrangimentos sobre os atores. Para Giddens a ação possui o poder ou capacidade para transformar situações, o agente tem, portanto, a capacidade de introduzir mudanças no mundo social, e um ator deixa de ser agente se perde a capacidade de influenciar o mundo social (CARNEIRO, 2006, p. 46).

É importante entender que, para o autor, mesmo com a perpetuação da estrutura, ela não se torna imutável, mas sim, passível de transformações às quais são realizadas pelas ações dos agentes. De acordo com o conceito de estruturação de Giddens (2006), podemos perceber que as estruturas sociais não são imutáveis e que as práticas sociais podem mudar por meio da

⁴ Para Anthony Giddens (2006) a modernidade reflexiva é o processo pelo qual a sociedade atual está vivendo, pois não se encontra tão no início do processo de modernização quanto há décadas atrás, com seus riscos e problemas, no entanto não se pode se chamar de pós-moderna porque não superou e gerou riscos para sua própria época.

ação dos agentes sociais com o passar do tempo e as transformações realizadas por cada geração de indivíduos.

Esses atores capazes de criar mudanças são chamados de agentes, no entanto esses agentes não atuam de forma solo, mas em coletivos de agentes. Quando perdem a capacidade de promover mudança deixam de ser agentes, lembrando que não existem agentes/atores sem influência da estrutura, assim como não existe estrutura sem a ação dos agentes/atores.

Para compreender melhor como essas transformações ocorrem usaremos como exemplo a família, que é uma estrutura fixa na sociedade e que vem sofrendo alterações no decorrer da modernidade, tendo início no padrão heteronormativo, composto por homem (marido) e mulher (esposa). Foi através das lutas de agentes sociais que essa instituição social passou a sofrer algumas alterações, dando visibilidade a diversas formas de famílias (compostas por dois homens, duas mulheres, com filhos ou sem filhos, famílias de avós que criam netos, tios/tias que criam sobrinhos e familiares, assim como de uma única pessoa). Essas mudanças só foram possíveis pela ação dos agentes, que a realizaram e continuam lutando e promovendo modificações nas práticas sociais, criando novos arranjos na realidade social.

A instituição escolar também vem sofrendo algumas mudanças ao longo do tempo, de um modelo educacional fechado, fixado e eurocêntrico de reprodução do conhecimento, para um mais aberto, em constante construção, que leva em consideração as demandas do tempo, dando espaço para o diálogo com novas formas de aprendizagem/ conhecimento, problematizando sua própria estrutura, enfatizando a diversidade social existente na sociedade contemporânea.

Os agentes sociais e suas práticas sociais estão em constante processo de transformação, adotando novas práticas, formas de agir e se comportar. É nessa perspectiva que buscaremos, no tópico a seguir, identificar e analisar as práticas de masculinidades vivenciadas no cotidiano de jovens alunas/os do ensino médio em uma escola pública da cidade de Campina Grande – PB.

As características das estruturas patriarcais são externalizadas através das práticas sociais de masculinidades vivenciadas nas experiências diárias dos jovens no ambiente escolar, tais quais foram herdadas das gerações anteriores, sendo-lhes repassadas através das relações cotidianas (brincadeiras, comportamentos, conversas e ações) na família, na igreja e na escola. Algumas dessas práticas continuam sendo reproduzidas fielmente de acordo com as orientações da estrutura, no entanto, outras sofreram algumas alterações de acordo com os elementos do seu tempo e do espaço em que esses jovens estão inseridos.

3- AS PRÁTICAS DE MASCULINIDADES VIVENCIADAS COTIDIANAMENTE POR JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

A contemporaneidade é marcada pela diversidade de indivíduos que possuem características que se aproximam e se distanciam em suas subjetividades (formas de ser, agir, pensar), apresentando pluralidades de existências.

Apesar de apresentar múltiplas formas de existir, a sociedade contemporânea ainda traz consigo características de um longo processo histórico. Mesmo sofrendo movimentos de mudanças, ela carrega em si, enraizados elementos das estruturas sociais que a formaram, consequentemente, os indivíduos exteriorizam essas características nas práticas cotidianas. Houveram movimentos de transformações, e foram neles que os atores sociais entraram em ação, realizando alguns deslocamentos nas estruturas sociais, quando outrora estavam reproduzindo práticas sociais dessas estruturas.

Nesse breve ensaio nos interessa investigar as características da estrutura patriarcal, exteriorizadas através das práticas de masculinidades na contemporaneidade. Na tentativa de

problematizá-las recorreremos a uma pesquisa qualitativa com intuito de identificar quais as práticas de masculinidades são vivenciadas por jovens estudantes do ensino médio em uma escola pública na cidade de Campina Grande - PB e, em seguida, analisá-las a partir dos conceitos abordados anteriormente, de juventudes, de masculinidades, de estrutura e de práticas sociais.

A escola é uma das principais instituições, sendo a maior aliada das estruturas sociais vigentes. Ela constrói e demarca seus usos. As/os jovens vão ocupando e demarcando seu espaço dentro dessa realidade, dando origem a novas práticas e reproduzindo outras que foram adquiridas durante os processos que esses jovens vivenciaram ao longo de sua vida e herdaram de outras gerações. Elas/es incorporam de forma inconsciente as estruturas construídas historicamente sobre o masculino e o feminino, sobre as masculinidades e feminilidades. Alguns elementos dessas estruturas permanecem até hoje de maneira fragmentada, se apresentando de modo parcial nas relações sociais na contemporaneidade.

Em entrevista com alunos do 3º ano do ensino médio da escola pública pesquisada pode-se observar a presença de ideias e comportamentos juvenis que reproduzem a estrutura da dominação masculina, reverberados através de comentários durante a roda de conversa. Vejamos:

[...]. A masculinidade é dessa forma pra mim. É uma questão justamente de força. Eu não, eu não tinha a palavra certa, mas exatamente força. Tanto da feminilidade que é o contrário. Pra mim não é uma questão de fraqueza também. Uma questão mais de cuidado. [...] (NICK, 2022).

Essa ambiguidade nos faz acreditar que a separação social entre o masculino e o feminino se apresenta de forma natural, como algo necessário, pois se apresenta nos hábitos, nos corpos, nas coisas e no mundo social. Como pudemos perceber na fala citada acima, alguns aspectos que remetem à ideia de masculinidade ainda estão relacionados à virilidade e à força e a feminilidade está relacionada ao cuidado, como fora construído socialmente e reproduzida na entrevista de um jovem estudante em nossos dias. A ideia que se faz é a de que o feminino é algo que remete ao cuidado, à proteção e a ordem, mesmo que não seja algo relacionado à fraqueza, como falou o entrevistado, mas ainda apresenta um pensamento de representação de delicadeza.

Para alcançar as subjetividades dos participantes foram realizadas perguntas a respeito do tema, com a finalidade de identificar, em seus relatos, as práticas sociais de masculinidades vividas no seu dia a dia, no ambiente educacional. Foi realizada a seguinte pergunta a respeito do comportamento dos rapazes e das moças: “Vocês conseguem perceber a diferença entre o comportamento dos rapazes e das moças?”. Obtivemos as seguintes respostas de jovens de ambos gêneros:

Eu vejo muita coisa, por exemplo, muita brincadeira besta quanto é em relação aos homens. E as mulheres não tem muito essas brincadeiras, tem mais coisas de.... Que eu percebo né... muito mais conversas bestas, as conversas mais tranquilas, mas ainda é uma coisa tipo é... informal....então, qualquer coisa que vem à mente elas falam pra se divertir e tal. Mas, os homens são brincadeiras bestas que podem machucar, magoar pessoas, são brincadeiras muito pesadas, diferentes das meninas. É... Então é uma coisa perceptível, de longe dá pra ver, e realmente é muito diferente as duas coisas (NICK, 2022).

É percebido pelo aluno que existem diferenças entre os comportamentos desses jovens. Para NICK os rapazes reproduzem comportamentos “bestas” que estão relacionados ao uso da força. Como relatado durante a roda de conversa, é normal, em suas brincadeiras, o uso da força física, empurrões e/ou xingamentos os quais deixam suas marcas de forma mais subjetiva, que podem causar desconforto, traumas físicos e psicológicos nos rapazes e nas

moças.

Essas práticas sociais vivenciadas pelos jovens cotidianamente são acompanhadas pela “violência simbólica”, se apresentando em forma de *bullying*, deixando como consequências traumas naqueles que as vivenciam, como descreve Kell (2022): “Sim, às vezes aquele tipo de homem machista, que vê um gay como um comportamento diferente, vai praticar bullying ou até agressões físicas”. Como se pode perceber no relato feito pela aluna, algumas experiências cotidianas são compostas de “violências simbólicas”, reproduzidas de forma inconsciente, através de brincadeiras características da estrutura patriarcal que se reinventa e exerce sua influência nas relações desses jovens através dos comportamentos e práticas machistas, violentando mulheres e homens que se distanciam do padrão heteronormativo, ou seja, aqueles que exteriorizam masculinidades diferentes da que a estrutura patriarcal exige.

Assim como os rapazes apresentam determinados comportamentos, as moças também apresentam os seus, que são indicados como “comportamentos mais delicados”, voltados mais para conversas informais sobre as relações cotidianas. Como é descrito na citação a seguir:

[...] as meninas geralmente são mais conversas, são mais brincadeiras de preferência “brincadeiras chatas”, mas eu não posso falar muito entre os meus amigos eu só tenho duas meninas, a maioria são meninos justamente, porque eu não consigo é... Ficar naquela conversa monótona que as mulheres geralmente têm que como ainda estamos muito presos ao machismo, a maioria das mulheres ficam... nas conversas que escuto pelos corredores é sobre maquiagem... sobre o menino que ficaram semana passada e essas coisas, e eu não consigo ficar nesse tipo de conversas, geralmente eu sou mais amiga dos meninos [...] (NATH, 2022).

Percebe-se, na fala acima, que existe distinção entre o comportamento dos rapazes e o das moças, diferenças essas que acabam sendo percebidas por eles mesmos, fortalecendo os grupos dos indivíduos que se assemelham subjetivamente independente do gênero. Podemos afirmar então que apesar de algumas práticas serem aceitas e reproduzidas de forma natural por alguns jovens, por outros não é bem assim. Traz também uma reflexão sobre as práticas de masculinidades subordinadas, as que são reproduzidas de forma menos agressiva, muitas vezes por mulheres.

Destacamos no relato da aluna, que a mesma não se sente à vontade no ciclo de convivência de outras moças, pois a forma de se relacionar entre elas é considerada chata, monótona, presa à ideia de delicadeza, cuidado, maquiagem e outras características atreladas à feminilidade.

A Partir desse comentário, achamos espaço para realização da seguinte pergunta: “Quando ocorre o encontro entre os grupos, os meninos e as meninas passam a se comportar de forma diferente?”. Obtivemos a seguinte resposta:

Por incrível que pareça muda e muito viu! Tipo quando tá junto, assim os meninos naquela outra intenção de ver se arruma alguma coisa com alguma das meninas ou então é mais sociável[...].Eles não fazem nada, com algumas meninas assim de brincadeira pesada porque muitos entendem que a menina não aguenta tantas coisas e realmente não tem como aguentar uma voadora, e Mas dá pra ver a diferença muito gritante, tipo de quando se junta, quando há essa junçãozinha eles ficam muito calmos, só falam mais leseiras, são muito mais tranquilos (NICK , 2022).

O comportamento desses jovens muda de acordo com o lugar onde eles estão inseridos e as companhias em sua volta naquele determinado espaço, levando em consideração a faixa etária e gênero desses. Como apontado na fala acima, é possível perceber que existem diferenças nas práticas sociais apresentadas pelos alunos quando ocorre o encontro entre os grupos. Os modos dos rapazes são afetados pela presença das moças, principalmente quando há a intenção do flerte. Gestos e conversas que cotidianamente são mais agressivas/grosseiras,

brincadeiras pesadas voltadas ao uso da força física e *bullying* tornam-se mais leves e atrelados à paquera e à conquista.

Relatos semelhantes foram realizados durante a roda de conversa por outros participantes, como a narração a seguir: “Foi isso que Nick falou geralmente, os homens se acalmam quando se aproximam de outras mulheres, pelo menos os conscientes, eles se acalmam, saem mais dessas brincadeiras agressivas mais pra brincadeiras de fala, piadinhas e essas coisas” (NATH, 2022).

Durante a entrevista, foi realizada a seguinte pergunta a respeito da realidade do jovem estudante de escola pública “Quais as dificuldades encontradas pelos/as jovens estudantes de uma escola pública no que se refere aos padrões de comportamentos atuais?”. Obteve-se a seguinte resposta de Math (2022): “A falta de informação e conhecimento, diálogo levam a sociedade a adquirir comportamentos do seu instinto natural, agressividade e ausência de uma boa postura, um bom comportamento. Diferente de algumas pessoas que têm essa noção de comportamento diferente nos dias atuais.”

Na fala do aluno pode-se perceber que ele relaciona os comportamentos mais agressivos/grossos à desinformação, apontando que a informação é uma aliada na transformação das práticas e comportamentos. Essa fala nos desperta para a influência da chegada dos meios de comunicação e as novas formas de se relacionar em sociedade. Apesar das informações terem maior alcance hoje devido ao avanço da tecnologia, os recursos de acessibilidade ainda são tidos como privilégio para alguns e exclusão para outros, como relatou Kell (2022): “Transporte recurso pra estudar e às vezes tempo, por muitas das vezes tem que trabalhar e ficar sem tempo, submisso ao trabalhar porque a renda não bate como as despesas.” O fato do jovem ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo ainda se faz muito presente na realidade de vários alunos de escola pública, os quais sentem os impactos das desigualdades sociais, como foi defendido por Pierre Bourdieu (2010) que afirmou que a escola é uma reprodutora de desigualdades por tratar desiguais como iguais.

As práticas de masculinidades apresentadas na escola são resultado de outros processos vivenciados por esses jovens ao longo de suas vidas, em sua comunidade, principalmente no âmbito familiar.

Com a finalidade de conhecer um pouco mais da realidade desses jovens realizamos a seguinte pergunta: "Em sua opinião há diferenças na educação familiar para meninas e meninos? Fale um pouco como isso ocorre. (nas atribuições das atividades domésticas, no tratamento dos pais, nas brincadeiras)". E, a partir das seguintes respostas, pode-se constatar que a família ainda é uma forte aliada da estrutura patriarcal na reprodução do machismo e das práticas de masculinidades tóxicas em outras esferas nas vidas desses jovens. A primeira resposta que obtivemos foi a de Math (2022): “Sim! De acordo com o gênero algumas atividades são distribuídas específicas para cada pessoa. Por eu ser gay, tenho um tratamento diferenciado dos meus irmãos”.

Em sua compreensão, os comportamentos vivenciados pelos jovens no cotidiano escolar reproduzem as relações educativas adquiridas com sua família. Alguns desses comportamentos e ideias são subjetivados pelas/os jovens desde a infância através das normas/regras do meio familiar.

A família traz sua forte contribuição como primeira instituição formadora, responsável por ajudar a reproduzir as características da estrutura patriarcal, na fala de Math, por exemplo, fica evidente que sua educação familiar não se distancia da educação familiar padrão/heteronormativa, sendo alcançada por essa forte influência da estrutura, que reproduz, dita os papéis os quais devem ser desenvolvidos pelos homens e pelas mulheres, sendo direcionadas determinadas atividades para os meninos e outras para as meninas. Na sua outra fala Math (2022) afirmou: “Ser homem para minha família é ter uma postura viril na qual a sociedade vê o homem como uma forma de ser forte, trabalhar duro, ser responsável e pegar

atividades pesadas.” Apesar dessas práticas se reproduzirem, na fala acima a realidade do jovem apresenta um fator diferencial aos estímulos da estrutura familiar, que é a sexualidade.

Math se percebe como um jovem homossexual, e consegue entender a diferença que existe no tratamento que recebe dos seus pais em comparação ao tratamento que seus irmãos recebem. A rigidez e cobrança são maiores a respeito de responsabilidades, de afazeres e de como se comportar. A rigidez dos pais está de certa forma relacionada com as estratégias de controle da estrutura sobre a sexualidade, exteriorizada através das práticas de controle dos pais sobre o filho.

Nessa perspectiva, percebe-se que as práticas educativas a respeito das masculinidades no meio familiar ainda trazem consigo influências da estrutura, no entanto, essas práticas tendem a ser problematizadas pelos novos atores sociais, como é o caso de Math, que levanta a seguinte reflexão sobre a masculinidade: “Vejo a masculinidade hoje em dia sendo cobrada pelas pessoas como algo fora do normal. Como se a pessoa do sexo masculino não pudesse expressar seus reais sentimentos. Se ele mostra é visto como uma masculinidade frágil (2022)”.

Percebe-se, nesta fala, que a noção de masculinidade vem sendo repensada pelo jovem, pois apesar de ter sido educado nesse processo conservador da masculinidade padrão, ele apresenta novas reflexões, dando espaço para repensá-la, assim como muitos outros que não se identificam com essas masculinidades e acabam adquirindo outras formas de perceber o masculino ou de formular novas práticas de masculinidades que, embora hora ou outra reproduzam tais comportamentos, dão abertura a novos caminhos, pois existem outras masculinidades que não se enquadram no modelo hegemônico transmitido pela estrutura familiar e reproduzido pela estrutura escolar.

Assim como é defendido por Connell (2013, p. 274), “A produção e a contestação da hegemonia em ordens de gênero historicamente mutáveis são um processo de enorme importância para o qual continuaremos precisando de ferramentas conceituais”. Para Connell, essas transformações nas relações torna-se uma questão a ser problematizada dentro das estruturas sociais e no meio científico por ressignificar as relações entre os indivíduos e suas práticas de masculinidade desenvolvidas na interação com seus familiares e na escola.

4- METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa fizemos uso da metodologia qualitativa de cunho analítico. O método qualitativo não se preocupa com a quantificação dos dados coletados da realidade estudada, mas parte da ideia de compreender o universo de significados, motivos, aspirações e crenças de um grupo ou de uma organização (DESLANDES, et al., 1994). Essa metodologia é usada para o contato direto com os sujeitos da pesquisa, para, assim, alcançarmos suas percepções sobre masculinidades e práticas de masculinidades.

Essa pesquisa teve como objetivo investigar as práticas sociais de masculinidades entre jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública em Campina Grande-PB. Verificar, por meio da pesquisa bibliográfica, no campo das ciências sociais o conceito de masculinidade, identificar, por meio de entrevista com jovens alunos/as do ensino médio, as masculinidades aprendidas na família, investigar, através de entrevistas com jovens alunos/as do ensino médio, as práticas sociais de masculinidades vivenciadas no cotidiano escolar.

Foi realizada uma pesquisa de campo, na qual recorreremos à roda de conversa e à entrevista, como instrumento metodológico. Segundo Melo e Cruz (2014):

A roda de conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos (adolescentes) e professores. Essa técnica apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico (MELO E

CRUZ, 2014, p.31).

A roda de conversa foi mediada por um roteiro de perguntas semiestruturadas, tendo por finalidade alcançar as subjetividades dos participantes a respeito do tema em questão.

Foi elaborado um cronograma organizando o desenvolvimento da pesquisa, a princípio tinha-se planejado realizar a pesquisa com um total de 10 alunos, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, na faixa etária entre 15 e 19 anos, entretanto no decorrer do processo foram se apresentando algumas dificuldades como a não aceitação das/dos alunas/nos em participar. Conversamos com a professora de Sociologia da turma sobre o convite, no entanto, maioria desses jovens não concordou em participar. A escolha das/os participantes se deu de forma aleatória, apenas 4 jovens contribuíram com esse artigo, sendo 2 alunos (Nick e Math) e 2 alunas (Nath e Kell), todos na faixa etária de 18 anos. Todas/os participantes estudam o 3º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual de ensino na cidade Campina Grande – PB.

Primeiramente buscamos a aprovação do comitê de ética para dar validade científica ao trabalho, submetendo-o para a análise e aprovação, a proposta do projeto junto com o roteiro de perguntas e o termo de autorização de participação, pois se tratam de alunos/as menores de idade, e o termo de consentimento de aceite. Após ser submetido para apreciação, o projeto foi avaliado e aprovado, pois estava dentro dos padrões exigidos pelo comitê de ética.

Após a proposta ser aprovada pelo comitê de ética, buscamos a aprovação dos pais e/ou responsáveis pelas/os alunas/os menores de idade e a aceitação das/dos alunas/nos em participar. Após o convite ter sido aceito pelas/os participantes, foi acordado pelo whatsapp a data, hora e local para a realização da roda de conversa. O encontro foi realizado através de uma sala de reunião do *Google Meet*, no dia 27 de julho de 2022, das 10:00 às 11:30 horas da manhã. Após isto, a conversa foi transcrita e armazenada na nuvem do e-mail institucional da responsável pela pesquisa. Assim como os dados que foram coletados através da entrevista realizada por meio de um questionário virtual, na plataforma *Google Questionários*. Para manter os direitos de identidade preservados dos participantes, os seus nomes não foram apresentados nesse artigo, desse modo, fizemos uso dos seguintes nomes fictícios: Math, Nath, Nick e Kell. Assim, mantivemos em anonimato suas identidades. Utilizamos a mesma estratégia para a escola em que os entrevistados estudam, a chamamos pelo codinome “Escola Estadual Integral na cidade de Campina Grande - PB”.

A escola em que esses jovens estudam está localizada em um bairro no centro da cidade de Campina Grande - PB, sendo frequentada por alunas/os que residem em vários bairros da própria cidade e de cidades vizinhas. Suas características socioeconômicas são: renda financeira em torno de dois salários mínimos, moradia em casas alugadas ou de parentes, com eletricidade e saneamento básico, ou seja, são alunas/os de classe popular. Percebemos uma heterogeneidade nos aspectos de grupos e culturas internas e externas, pois a escola é um ponto de encontro de alunas/os de várias comunidades que trazem consigo características de seu convívio do cotidiano.

Para mediar a discussão na roda de conversa foi elaborado um roteiro de perguntas semiestruturadas, contendo dez (10) questões abertas voltadas ao tema desta pesquisa, um estudo de caso simples contendo amostra ilustrativa, que teve como objetivo investigar como as práticas sociais de masculinidades se apresentam no cotidiano escolar de jovens estudantes do ensino médio numa escola pública em Campina Grande-PB. Inicialmente o roteiro para a entrevista teve nove perguntas, as quais foram adaptadas, conforme a dinâmica da roda de conversa. Foi por meio destas que obtivemos contato direto com os sujeitos e, assim, alcançamos os objetivos propostos nesse artigo em relação à problemática levantada.

Para analisar o conteúdo desta pesquisa recorreremos à análise de conteúdo proposta por

Laurence Bardin (1977). Para Bardin apud Silva et al (2013) “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Esse método de análise se adequa perfeitamente nessa pesquisa, pois temos em vista que há uma diversidade de masculinidades presente no local que será estudado, levando em consideração as influências contemporâneas, como as tecnologias e outros elementos da sociedade moderna. Durante a análise do conteúdo buscamos sempre respeitar as 3 fases defendidas por Bardin apud Silva et al (2013) que são: “1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação”.

A primeira etapa, nomeada pré-análise, consistiu em compreender a organização do material que foi analisado. Nesse momento foram organizadas e sistematizadas as ideias iniciais, as quais se constituem em quatro processos: leitura flutuante, que implica em estabelecer os documentos de coleta de dados e transcrever a entrevista, escolha dos documentos analisados, formulação de objetivos e hipóteses e elaboração de indicadores através dos cortes nos textos analisados. A segunda etapa se baseia na exploração do material. Aqui foi decodificado o material definido como categoria “(rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos, sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos) e a identificação das unidades de registro [...]” (Bardin apud Silva et al 2013 p. 3). A terceira etapa propõe no tratamento dos resultados, inferência e interpretação reflexiva e crítica sob a luz de Bardin apud Silva et al (2013), assim foi feito.

5- PARA CONCLUIR A DISCUSSÃO, ALGUMAS REFLEXÕES

A pesquisa realizada para a construção desse trabalho de conclusão de curso permitiu observar que mesmo após haver ocorrido vários processos de mudanças nas formas de se perceber e se relacionar socialmente na sociedade moderna, algumas características da estrutura patriarcal se perpetuam intrinsecamente nas práticas cotidianas das pessoas.

No nosso caso, as práticas de masculinidades existentes, se perduram nas ações no dia a dia dos indivíduos, as quais se renovam, tomando novas formas e se apresentando de distintas maneiras. Algumas dessas práticas ainda carregam elementos padrões da estrutura patriarcal que reforçam o ideal de virilidade, força e separação entre o feminino e o masculino, reproduzindo violências simbólicas instituídas historicamente pelo patriarcado.

Também é possível perceber que nas teorias sociais sobre a *masculinidade* não pode ser compreendida como um modelo padrão ou que deve ser analisada apenas como algo relacionado ao masculino e universal, mas sim como *masculinidades* de forma plural, respeitando as diversas formas de se relacionar e se pertencer no mundo. Tendo o entendimento de que essas práticas não são exclusivas apenas para homens heterossexuais, mas também são reproduzidas por homens gays, mulheres (cisgenero, transexuais, heterossexuais e lésbicas) em seu cotidiano.

Para compreender as masculinidades existentes na contemporaneidade é necessário ir além da universalização proposta por Bourdieu, que a padroniza expondo apenas um tipo de masculinidade hegemônica, na qual é usado apenas um recorte social de um determinado espaço, tempo e cultura. E nessa tentativa de compreendê-la acaba unificando a masculinidade, além de que, durante a análise, o sociólogo acaba se colocando como um analista, isento das interferências do meio em que está inserido e da própria masculinidade subjetiva em si.

É necessário trazer à tona novas críticas e estudos para que possamos romper com essa visão arcaica que deve ser problematizada e criticada e partir na busca da superação, como foi proposto por outros autores como Correia, Almeida e Connell. Sabe-se que o

pesquisador traz, subjetivado em si, características da época e do lugar em que vive. Esses aspectos foram adquiridos ao longo de suas experiências de vida (casa, família, igreja, trabalho e comunidade). Assim, todos indivíduos que vivem sociedade sofrem interferência das estruturas sociais, no nosso caso, do patriarcado, e, embora se tente desconstruí-la, em algum momento apresentaremos resquícios dessa estrutura.

Os relatos feitos pelos/as entrevistados/as nos ajudam a perceber que as práticas de masculinidades tóxicas ainda se fazem presentes em suas relações diárias. Esses jovens as percebem e passam a problematizá-las, tentando construir novas formas de se relacionar em sociedade, atualizando suas práticas de masculinidades e fomentando as relações saudáveis.

Esse estudo nos ajuda a medir o quanto algumas práticas de masculinidades relacionadas à violência de gênero ainda se reproduzem na escola, vivenciadas por homens e mulheres no seu dia a dia, causando seus impactos positivos e negativos nas relações sociais.

A escola é uma das principais instituições responsáveis pela formação dos indivíduos. Assim sendo, cabe a ela um papel fundamental na formação das subjetividades dos que a frequentam, e por ser esse um espaço de construção de conhecimento, a escola é uma aliada no combate às violências contra a criança, o adolescente e a mulher como está prescrito na Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996– Disponível na web).

A escola é uma extensão da vida em sociedade, sendo assim não há como apartá-la do mundo. Pensando nessa perspectiva, a lei citada acima assegura que o debate sobre a diversidade e o enfrentamento às violências sejam trabalhados nas escolas, estando este assegurado na Constituição Federal do Brasil.

Os debates sobre a diversidade e enfrentamento às violências passam a serem obrigatórias no currículo escolar. E se aliam à criação de material pedagógico e à criação da semana do combate à violência doméstica através da alteração da Lei 9.394- 1996 para a Lei Nº 14.164, de 10 de junho de 2021:

Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino. (BRASIL, Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021– Disponível na web).

Apesar dessa pauta ter conquistado um lugar assegurado por lei, a presente pesquisa nos permite ponderar que a escola hoje tenha aberto um espaço para o debate contra os tipos de violência existentes na sociedade, no entanto, a estrutura escolar ainda é muito fechada e conservadora para novos debates, principalmente no que diz respeito a diversidade de gênero e sexualidade.

O tema abordado no artigo traz grandes contribuições no meio acadêmico, e. Consequentemente, traz benefícios à sociedade ao ser trabalhado problematizando a realidade de jovens, já que a escola é um espaço de encontro de diferentes pessoas que trazem consigo um pouco das suas realidades, suas concepções de mundo e subjetividades, as quais passarão por mudanças ao longo de sua vida. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental na

sociedade: o de formar indivíduos críticos e reflexivos, capazes de tomar suas próprias decisões, de questionar o que lhes são impostos pelo mundo ainda heteronormativo e patriarcal, criando um espaço baseado no respeito e na empatia, sendo uma forte aliada no combate às violências de gênero.

Esse trabalho não se encerra em si mesmo, uma vez que o mesmo é um panorama da nossa estrutura social vivenciada entre as/os jovens entrevistadas/os, tendo em vista que esse artigo é apenas um recorte sobre o que vem a ser as masculinidades na sociedade contemporânea, mas passível de contribuir para a construção do conhecimento nas áreas de debate e estudos de gênero, sexualidade e cultura através das discussões interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale, Gênero Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, [S. l.], p.161-190, 1996.

FRAZÃO, Dilma. **Anthony Giddens**. Biografia. 2021. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/anthony_giddens/> Acesso em 30/01/2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 17ª ed. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A “Juventude” é apenas uma palavra**. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.1978.

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.164%2C%20DE%2010,%C3%A0%20Viol%C3%Aancia%20contra%20a%20Mulher> Acesso em 15/11/2022.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.164%2C%20DE%2010,%C3%A0%20Viol%C3%Aancia%20contra%20a%20Mulher> Acesso em 15/11/2022.

BORDART, Cristiano. **Café com Sociologia**. 2021. Disponível em:< <https://cafecomsociologia.com/dica-de-leitura-anthony-giddens/>> Acesso em 15/02/2022.

CARNEIRO, Cristina Maria Quintão. Estrutura e ação: aproximações entre Giddens e Bourdieu. **Tempo da Ciência**, [S.l.], , p.39-47, 2006.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-282, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>> Acesso em: Nov, 2021.

CORRÊA, Mariza. O Sexo da Dominação. **Novos Estudos**, [s.l.], n.54, p. 43-53, julho de 1999..

CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p 171-188, 2002.

DESLANDES, Suely Ferreira et.al. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESTEVES, Pamela. Giddens - Profª: Pâmela Esteves. 2020. 1 vídeo (30 minutos). Publicado pelo canal. **Pâmela Esteves**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LmAsBvab4SM>> Acesso em 20:21 - 03/01/2022.

GIDDENS, A. e TURNE, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1990. p.324.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, [s.l.], p. 4-11, 1995.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

HANSE, Claudia Maria; CALGARO, Cleide. Modernidade Reflexiva e a Sociedade de risco: o futuro da nova era social. **Estudios**. [s.d.]. Disponível em <https://huespedes.cica.es/gimadus/21/07_modernidade_reflexiva.html> Acessado em: 30/03/2022.

IGNÁCIO, Julia, O que é Interseccionalidade. **Politize**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQiAgP6PBhDmARIsAPWMq6lJIUvx3cNVMSPHkgzTCRq-ex-OiHA1Z3aYlu-rbrZ9pp74j_Slxt0aAng7EALw_wcBh> Acesso em 05/02/2022.

SILVA, Andressa Hennig et al. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. **Anais**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília, 2013.

WELLER, Wivian. Karl Mannheim: Um pioneiro da sociologia da juventude. **Anais**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife, 2007.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS SEMI-ESTRUTURADAS

QUESTIONARIO DE PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Fale-me um pouco sobre você, qual sua idade, onde mora, sua religião, "raça", seu esporte preferido, a profissão dos seus pais, a escolaridade dos pais, a religião, bairro onde mora?
 2. Em sua opinião há diferenças na educação familiar para meninas e meninos? Fale um pouco como isso ocorre. (nas atribuições das atividades domésticas, no tratamento dos pais, nas brincadeiras).
 3. O que é ser homem para a sua família e para você?
 4. Como você percebe a masculinidade?
 5. Existem comportamentos específicos entre os rapazes que se diferenciam das moças? Quais?
 6. Você percebe se há diferentes práticas de masculinidades no cotidiano escolar? Explique.
 7. Quais os pontos positivos e negativos apresentados pelas práticas de masculinidades no cotidiano escolar?
 8. O *ser homem* que se apresenta em casa é o mesmo que se apresenta na escola?
 9. Quais as dificuldades encontradas pelos/as jovens estudantes de uma escola pública no que se refere aos padrões de comportamentos atuais?
 10. Você acredita que os meios de comunicação e informação (mídias e redes sociais) podem influenciar no seu comportamento enquanto homem ou mulher?
-

ANEXO

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COISA DE MACHO: As Masculinidades Reverberadas entre Jovens do Ensino Médio em uma Escola Pública na Cidade de Campina Grande - PB

Pesquisador: Jussara Natália Moreira Biliens

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61101122.2.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.563.951

Apresentação do Projeto:

Projeto oriundo do DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, curso de licenciatura em Sociologia/UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.

Objetivo da Pesquisa:

Tal qual... "Investigar as práticas sociais de masculinidades entre jovens estudantes do ensino médio numa escola pública em Campina Grande-PB."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com as proponentes "Eventuais riscos aos quais os (as) participantes possam estar expostos (a): 1) risco eventual de cansaço e /ou aborrecimento ao participar da entrevista, que possui um questionário de perguntas semiestruturadas com 10 questões. Alterações na auto-estima provocadas pela evocação de memórias". Ainda quanto aos riscos, salientam que para que "sejam mínimos, não identificaremos os nomes das/os jovens entrevistados, nem o nome da instituição de ensino mantendo em anonimato suas identidades.

Em relação aos benefícios, as pesquisadoras argumentam que "A pesquisa proporcionará também, aos alunos, momentos únicos de trocas de experiências, ideias e visões de mundo, através de roda de conversa, possibilitando aos participantes conhecerem um pouco mais da visão das/os colegas de sala de aula em relação às implicações sociais de práticas de masculinidades tóxicas."

Endereço: Av. das Bananeiras, 351 - Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@estor.uepb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP**



Continuação do Parecer: 5.543.951

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considerando os vários fatores que influenciam a cultural comportamental masculina numa região como a nossa, estudos dessa natureza abrem uma perspectiva de discussão de preconceitos arraigados e alimentados pela práticas sociais que, inclusive, levam à violência. De modo que é absolutamente alvissareira a iniciativa que sustentam o estudo ora proposto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Cumprem as normas legais observáveis quando da abertura do protocolo.

Recomendações:

Não há recomendações, exceto, reiterar a atenção para a observação das resolutivas em relação à participação de menores de idade e do que dispõe o próprio ECA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Salvo melhor, somos de parecer favorável a consequente e imediata liberação do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1984161.pdf	30/07/2022 18:21:26		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	30/07/2022 18:20:16	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
Declaração de concordância	CONCORDANCIA.pdf	30/07/2022 18:18:49	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODOPEQUIADORRESPONSAVEL.pdf	30/07/2022 18:18:36	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INSTITUCIONAL.pdf	30/07/2022 18:18:06	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAGV.pdf	30/07/2022 18:17:50	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDOMAIOR.pdf	30/07/2022 18:17:22	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDOMENOR.pdf	30/07/2022 18:17:08	Jussara Natália Moreira Bélens	Aceito

Endereço: Av. das Bananeiras, 351 - Campus Universitário
Bairro: Bodocongó CEP: 58.109-753
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@reitor.uepb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP**



Continuação do Parecer: 5.563.651

Justificativa de Ausência	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E SCLARECIDO MENOR.pdf	30/07/2022 18:17:08	Jussara Natália Moreira Béliena	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	30/07/2022 18:16:53	Jussara Natália Moreira Béliena	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	30/07/2022 17:44:15	Jussara Natália Moreira Béliena	Aceito
Folha de Rosto	ASSINATURA FOLHA DE ROSTO.pdf	30/07/2022 17:40:05	Jussara Natália Moreira Béliena	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 04 de Agosto de 2022

Assinado por:
Gabriela Maria Cavalcanti Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Bananeiras, 351 - Campus Universitário
Bairro: Bodocongó CEP: 58.100-753
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@setor.uepb.edu.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, e em segundo lugar à minha mãe, Salete, que sempre buscou me incentivar nos estudos. Esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Como também a Fátima Silva que foi uma grande apoiadora da educação de jovens do município, sempre incentivando e encorajando-os a estudar.

Sou grata também a todos os professores e professoras que contribuíram com a minha trajetória acadêmica e pessoal, pois acredito no poder transformador da educação e a importância do (a) professor (a) que exerce tal papel tão grandioso na sociedade.

Agradeço, em especial, à professora Jussara Beléns, que me orientou no artigo de conclusão do curso e à Vanessa Coelho, minha preceptora durante o Projeto de Iniciação a Docência (Residência Pedagógica), estágio supervisionado e pesquisa para a realização deste artigo.

Agradeço a todos os meus amigos e companheiros de sala, que estiveram comigo durante minha formação. Em especial à minhas amigas Alyne, Dulce e Jamille, que foram minhas grandes aliadas nas atividades ao longo do curso.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

Gratidão a todos.